

A dialética do seringal

Ricardo Pereira Parente*



RESUMO

Neste artigo o autor analisa criticamente o livro de Arthur Cezar Ferreira Reis, O Seringal e o Seringueiro, que se apresenta como obra científica, estabelecendo um confronto e paralelo com o romance de Ferreira de Castro, A Selva, e desse modo, mostrar as fabulações contidas no primeiro e os componentes sociológicos do segundo, constituindo-se como um espelho onde se pode desenhar a dialética do seringal, o ciclo econômico mais marcante da região amazônica no final do século XIX e início do nosso século.

Palavras-chave: *Seringal, ciclo da borracha, Amazônia.*

ABSTRACT

In this article the author critically analyzes The Rubber Plantation and the Plantation Workers, a book by Arthur Cezar Ferreira Reis which presents itself as a scientific work, and makes a comparison and a parallel between it and the novel The Jungle by Ferreira de Castro, showing the fictitious aspects of the former and the sociological components of the latter, constituting a sort of mirror where we can delineate the dialects of the rubber plantations, the most important economic cycle of the Amazon region at the end of the nineteenth century and the beginning of the present.

Key Words: *Rubber plantations, rubber cycle, Amazon Region.*

Arthur Cezar Ferreira Reis, no livro *O Seringal e o Seringueiro* assinala três estágios da evolução socioeconômica da região amazônica desde o seu “descobrimento” pelos colonizadores ibéricos: o extrativismo das chamadas “drogas do sertão”; o período pombalino, de meados do século XVIII, e que Reis elogia por ter realizado “apreciáveis e bem-sucedidos ensaios agrários” (Reis, 1977: 74) e, por fim, o terceiro estágio, com o ciclo da borracha, que registra o retorno ao extrativismo.

Reis destaca os aspectos positivos do período da borracha:

Atraiu o nordestino que se pôs à prova, mais uma vez, com ânimo viril e capacidade de trabalho. Impôs

a formação de imensa frota fluvial (...) e a aparelhagem de estaleiros. Assegurou ao país grandes partes das divisas que lhe garantiam maior mobilidade no comércio internacional. Multiplicou núcleos urbanos do interior. Estabeleceu o contato da região com as grandes capitais do imperialismo industrial, na Europa e na Norte América (REIS, 1997: 76).

A modernização da região sob a hegemonia do “imperialismo industrial” é vista por Reis como uma verdadeira epopéia, merecendo alto destaque a incorporação do Acre ao território brasileiro, graças ao esforço heróico do seringueiro brasileiro. Considerando a floresta um “inferno verde”, uma “natureza

*Professor do Departamento de Ciências Sociais e aluno do Mestrado em Natureza e Cultura na Amazônia da Universidade do Amazonas.





bravia, selvagem” a marcha da exploração da borracha se apresenta como uma vitória sobre um meio ambiente hostil. Mas, justamente no confronto com a selva imensa e misteriosa, surge uma sociedade que o olhar crítico não pode deixar de reconhecer seus traços sombrios. “A sociedade que se criava na Amazônia era uma sociedade que vivia entre altos e baixos, em degradação, aviltamentos, ou sobrepondo-se ao meio bárbaro, em atitudes marciais ou gestos de virilidade (...)” (Reis, 1997: 106). Reis admite que cometeram-se “desatinos”, “excessos”, no entanto, houve “em meio àquela inquietude, bravura, heroísmo, que exigem respeito e admiração” (Reis, 1997: 107).

Ferreira de Castro desenha no romance *A Selva* a imagem da floresta amazônica como um “inferno verde” onde o personagem Alberto, *alter-ego* do autor, se sente desconfortável:

Era um mundo à parte, terra embrionária, geradora de assombros e tirânica, tirânica! Nunca árvore alguma daquela lhe dera uma sugestão de beleza, levando-lhe ao espírito as grandes volúpias íntimas. Ali não existia mesmo árvore. Existia o emaranhado vegetal, louco, desorientado, voraz, com alma e garras de ferra esfomeada (Castro, 1989: 123).

Talvez o que falta nessa visão da floresta amazônica seja uma clara compreensão de que se trata de um complexo sistema ecológico, com propriedades singulares e com uma alta fragilidade do solo. A visão ecológica da floresta amazônica vai aparecer com mais evidência e elaboração na obra de Djalma Batista, *O Complexo da Amazônia*, escrito na década de 70. Nesse livro já encontramos o alerta ecológico de que o corte puro e simples

da floresta importará na exposição do solo às temperaturas e à erosão produzida pelas chuvas, todo esse processo resultando na degradação irreversível do meio ambiente amazônico.

O SERINGAL

A exploração da borracha forma um sistema amplamente estudado composto pelo capital internacional, com a demanda mundial crescente pela borracha em função do automóvel; as casas aviadoras de Manaus e Belém, que forneciam o crédito para o seringalista e vendiam a produção para o exterior; o seringalista, o dono de vastas propriedades onde se espalhavam as seringueiras; e o seringueiro, o coletor do látex da árvore. Havia outros atores coadjuvantes como o regatão, o vendedor do barracão do seringalista, que controlava a contabilidade do que era vendido e comprado pelo seringueiro.

Antes de entrar no seringal é importante registrar o papel das casas aviadoras que “lançaram os fundamentos de uma poderosa máquina creditícia” (Reis, 1997: 158). Como não havia um sistema bancário na região, as casas aviadoras tiveram um peso decisivo na fixação do preço da borracha e no estabelecimento do intercâmbio comercial peculiar da região amazônica nessa época. As relações contratuais entre o seringalista e o aviador, em razão da precariedade das comunicações e da navegação, dependiam de fatores como a “honestidade do seringalista, que se impunha ao respeito dos aviadores pelo cumprimento das obrigações que assumia” (REIS, *idem*: 159) e também de uma “relação de confiança recíproca” (Reis, *idem*: 159). Apesar dessa capa de moralidade convencional a relação comercial instituída pelas casas aviadoras e daí se propagando até o coração do seringal denotava o predomínio desenfreado da sede de lucro:

Os abusos, como é natural, foram sem conta.

Os aviadores abriam créditos imensos aos aviados seringalistas; estes, aos seringueiros. A especulação não teve limites. As mercadorias pela tentação do lucro alto ou para garantir maior valor em face dos constantes perigos a que a aventura das gomas expunha todos, eram faturadas sem medida num excesso incrível e lamentável (Reis, idem: 169).

Aqui encontramos um olhar sociológico crítico na análise de Arthur Cezar Ferreira Reis da cadeia de exploração que recaia com maior vigor sobre o seringueiro. Uma máquina infernal de criação de ágios sobre os preços das mercadorias que resultava na condição de eterno endividado do seringueiro.

Ferreira de Castro capta vivamente o aspecto extorsivo de que se revestia o barracão do seringal, onde o seringueiro comprava o que precisava em troca de borracha vendida:

Quando o seringueiro tinha ‘saldo’, vendia-lhe tudo quanto ele desejasse; fosse loucura rematada ou objeto inútil, tudo dava mais lucro do que lhe passar, no futuro, um saque para ser trocado por bom dinheiro na “casa aviadora”, em Manaus. Mas se o trabalhador por curta estada ali, por doença ou preguiça, não conseguia solver a dívida inicial, que rebentasse de fome, pescasse ou caçasse, pois não lhe forneceria nada para além do valor da sua produção (Castro, idem: 74).

O perfil do seringalista agora pode ser traçado a partir do olhar de Reis. A necessidade de manter a ordem no seringal exige um comportamento violento, que pode mesmo

chegar à barbárie no relacionamento com os seringueiros. Os “métodos de ação do seringalista lhe valeram a acusação de desumano, explorador do sangue de seus jurisdicionados, senhor de escravos, barão feudal” (Reis, idem: 222). Mas Reis tenta explicar e justificar a violência do seringalista como um imperativo do “meio social de onde veio e em que vive” (Reis, idem: 223). De fato:

Lidando com homens, só homens, dominados pelas angústias do isolamento na floresta, não pode, absolutamente, ser um tipo de salão, de gestos maneirosos, revelando educação aprimorada. O respeito que impõe, a direção que precisa dar aos negócios do seringal exige-lhe ação pronta, enérgica, e explica a aspereza. Tem de ser dinâmico, rude, talvez tirânico (...). Lança mão de recursos bárbaros, muitas vezes, para poder conter o desenfreio natural no ambiente duro, é verdade (Reis, idem: 223).

Senhor absoluto do poder no seringal, o patrão não hesitava em torturar e matar os seringueiros desobedientes fazendo de sua vontade a lei. Todavia, Reis procura abrandar a dimensão selvagem do seringalista, desculpada em função das asperezas do meio ambiente, revelando que algumas vezes o patrão podia demonstrar sentimentos de humanidade, de ser social. “É amigo de seus companheiros. Com eles se solidariza nos momentos difíceis. Sente-lhe os problemas, que já experimentou quando era simples seringueiro. Bravo nas horas duvidosas, sabe enfrentar o meio geográfico e social” (Reis, idem: 224).

Na figura de Juca Tristão o romancista Ferreira de Castro revelou agudamente o perfil arbitrário do seringalista. Numa passagem muito forte do romance, Ferreira de Castro





descreve que o seringalista Juca Tristão tinha como “distração vespertina” (Castro, idem: 148) o exercício da pontaria. Além de acertar os jacarés, eventualmente, o personagem exercia sua pontaria com um alvo humano, o negro Tiago, que é descrito como um farrapo humano. Tinha início o ritual macabro do seringalista que colocava uma laranja sob a cabeça do negro Tiago:

Juca Tristão juntou os dois calcanhares, meteu o rifle à cara e apontou. (...) O tiro havia soado e a laranja desaparecido de sobre a capinha branca. Juca Tristão baixava o rifle fumegante, em atitude de triunfo, e o negro mostrava agora, na sua cara de espantinho, a dúvida atroz de quem não sabe ao certo se está vivo ou se está morto... (Castro, idem: 150).

Djalma Batista retomando a questão em análise posterior também reconhece que na Amazônia, na época da borracha, “vigora mais que nunca, a lei da selva, com o império da lei do mais forte” (Batista, 1976: 131). E ressalta que o seringalista geralmente tomava a patente de coronel da Guarda Nacional, enfeixando em sua pessoa todo o poder e *status* social.

Como o seringueiro pôde se submeter a esse regime tirânico? Aqui vamos descobrir os elementos de fabulação na imagem do seringueiro que Arthur Reis revela no seu livro. Os nordestinos que vieram para Amazônia são descritos como possuidores de “temperamento vibrante, varonil”. Acossados pela seca nordestina, “mostram-se dotados de uma energia estuante”. Suas qualidades morais são as de um herói:

Sóbrios, sem ser ensimesmados, têm à flor da pele o sentimento de honra e da

dignidade. Não se submetem, sem um protesto, às exigências de quem os queira dominar. (...) São enérgicos, cheios de vontade, ambiciosos, marcados pelo espírito de aventura (Reis, 1997: 223).

Já Ferreira de Castro traça uma imagem do seringueiro em que se destaca o aspecto da submissão bem resignada ao poder do mais forte. Mas o olhar do personagem Alberto é o de um aristocrata decadente que deplora a retórica dos defensores da igualdade humana. Valeria lutar pela justiça social tendo em vista a qualidade das vítimas da opressão? O personagem Alberto duvida: “Para quê? Possuíam alma essas gentes rudes e inexpressivas, que atracavam o mundo com a sua ignorância, que tiravam à vida coletiva a beleza e a elevação que ela podia ter? Se a possuísem, se tivessem sensibilidade, não estariam adaptados como estavam àquele curral flutuante” (Castro, idem: 41).

O seringueiro, submetido a um regime de dura exploração, não podia constituir família no seringal, pois não era lucrativo ao patrão os custos de manutenção de famílias de seringueiros em suas terras. A mulher, então, como assinala Reis, se torna uma mercadoria a mais no negócio da borracha:

Os seringueiros, no seu infortúnio, encomendavam aos ‘patrões’ e estes às ‘casas aviadoras’ mulheres, como encomendava gêneros alimentícios, utensílios, roupas, etc. verdadeiras mercadorias, entravam nas contas, escrituradas pelos guarda-livros como quaisquer outros objetos de uso diário (Reis, idem: 240).

Ferreira de Castro no romance *A Selva* também nos relata o imenso sofrimento de

homens que não podiam satisfazer seus instintos sexuais, havendo inclusive uma cena em que o personagem Alberto contempla “sombria e severamente” um seringueiro mantendo relações sexuais com uma égua (Castro, idem: 7), pois não havia mulheres.

Certamente que o seringueiro criou suas estratégias para enfrentar o poder despótico do seringalista. Desde a fuga pela cachaça até tentativas de fuga para outro seringal menos severo ou para a cidade. Numa passagem muito forte do livro, Ferreira de Castro nos mostra que, como os seringueiros, muitas vezes, davam para fugir, “como quem se evade de uma prisão”, os patrões tratavam de amarrar todas as canoas do seu seringal com “grossas correntes e sólidos cadeados, de tal forma que ou se arrastava o conjunto, (...) ou ter-se-ia de arruinar tanto no despegamento de proas e de elos, que o intento seria logo denunciado” (Castro, idem: 145). Todavia, não se tem notícia da constituição do seringueiro como ator coletivo, como força social organizada enfrentando o poder do seringalista. Há uma carga de protesto em *A Selva* nos momentos finais do romance em que um seringueiro põe fogo no barracão do seringal

que tinha o nome irônico de Paraíso, matando o patrão Juca Tristão. Trata-se justamente do negro Tiago, que servia de alvo humano para as diversões vespertinas de Juca Tristão. Questionado sobre os seus motivos o negro Tiago responde que não estava bêbado quando cometeu seu gesto de protesto, considerava seu patrão como amigo, “mas não era amigo da liberdade” (Castro, idem: 218).

Depois do período do auge da exploração da borracha, que segundo Djalma Batista durou no máximo 32 anos (1880-1912), a economia da região voltou a um clima de estagnação do qual só veio a ser revertida com as políticas desenvolvidas pela ditadura militar na década de 70. No entanto, todos os estudiosos reconhecem que assim como o seringueiro foi o grande perdedor do ciclo da borracha o mesmo trabalhador pobre do Distrito Industrial de Manaus também recebe as migalhas de uma economia globalizada que sabe muito bem fabricar lucros sempre crescentes para os muitos ricos e exclusão e pobreza para os seus trabalhadores.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Djalma. *O Complexo da Amazônia. Análise do Processo de Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.

CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa: Guimarães Editora, 1989.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas/Governo do Estado do Amazonas, 1997.

